

“À (RE)DESCOBERTA DO ATLÂNTICO”

Realizamos hoje, dia 10 de Março de 2012, a primeira sessão de um novo ciclo de conferências dedicado ao mar, mais concretamente, ao Atlântico.

O mar é um elemento fundador do nosso Instituto, expresso inequivocamente na sua designação - INSTITUTO DE CULTURA EUROPEIA E ATLÂNTICA.

Para quem nos conhece menos bem, gostaria de realçar que o mar não está apenas na nossa sigla ICEA. Hoje não temos aqui esta sessão por o mar estar na moda e alguns responsáveis políticos portugueses falarem agora mais nele.

Relembro, como meros exemplos, alguns acontecimentos da responsabilidade do ICEA, algumas vezes partilhada, e onde o mar era o tema central:

*Maio de 2011-7ª sessão conjunta com a Academia de Marinha, prólogo do curso de Verão:

“O mar que nos une - reflexões sobre o mar no futuro de Portugal”

*Maio de 2010-6ª sessão conjunta com a Academia de Marinha:

“Evolução da ciência náutica de Pedro Nunes ao GPS”

*Outubro de 2008-Conferência:

“Alargamento da plataforma continental para as 350 milhas”

*Julho de 2007-9º curso de Verão:

“O mar esse desconhecido”

*Julho de 2005-7º curso de Verão:

“O mar-regresso ao futuro”

*Julho de 2004-Exposição:

“O pescador e as suas artes”

Durante séculos o mar foi sempre de grande importância para a nossa vida colectiva.

Primeiro ajudou-nos a sobreviver, à unificação e a conseguirmos a individualização da nação que somos hoje. No novo país que se afirmava, os portugueses viraram-se para o mar e a economia marítima contribuiu decisivamente para a sua independência.

Depois, essa importância aumentou, quando Portugal se organizou para exercer uma actividade sistemática no Atlântico, mais tarde estendida ao Índico.

Os portugueses contribuíram, de modo muito relevante, para a transformação das relações sociais, culturais e económicas entre as várias partes do mundo. Talvez o início de uma “boa globalização” em oposição ao que hoje chamamos uma inevitável globalização!

Não podemos esquecer ainda os importantes contributos científicos, em particulares os náuticos, onde, não resisto a mencionar, o papel importantíssimo desempenhado pelo nosso Pedro Nunes.

Sem dúvida que o mar foi o grande elemento para Portugal se afirmar em terra.

Neste sentido é importante que saibamos como começámos, de onde viemos e o que somos hoje. Mas mais relevante e urgente é sabermos o que queremos fazer com aquilo que temos. O que pretendemos deixar para as próximas gerações, isto é, o nosso futuro como sociedade.

Muitas personalidades de vários quadrantes políticos, técnicos e profissionais têm contribuído para a compreensão e aceitação de que o Atlântico pode ajudar-nos, no futuro próximo, a tirarmos largas vantagens da nossa geografia e dimensão marítima. O Atlântico é um recurso natural e uma mais valia económica indispensável ao nosso país.

O mar para Portugal não tem um prazo de validade já expirado. Pensar assim, é contribuir para a prescrição da nossa identidade.

Política, poder e pensamento estratégico nacional andam muitas vezes afastados uns dos outros e, quando tal acontece, aparecem normalmente, elevadas “facturas” a serem pagas pelas gerações futuras.

Um escritor norte-americano (James Freeman Clarke em 1883) esceveu:

“Um político pensa na próxima eleição. Um estadista pensa na próxima geração.”

Hoje ouve-se muito dizer que a Europa não tem estadistas.

Como esta frase está tão actual e, como nós portugueses, gostamos tanto de seguir as modas europeias!